

REVISTA

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

DIRECTOR — *OCTAVIO PIRES*

Redactores: — Dr. Alexandre V. Tavares, Professores Severiano Bezerra d'Albuquerque, D. Maria Guajarina de Lemos, Augusto Ramos Pinheiro, D. Sirena Valente, João Gualberto de Campos, D. Maria Valmont, José Pinto, D. Maria José Baena, Basilio C. de Carvalho, Augusto Nelson Ribeiro, Hilario de Sant'Anna e Fabiliano Lobato.

VOL. V

PARÁ — BRAZIL

SETEMBRO DE 1895



O canto na escola primaria

BELEM DO PARÁ, DE SETEMBRO 1895.

Já alguns annos passados tivemos occasião de escrever, nesta mesma REVISTA, uma serie de artigos a proposito do ensino musical nas escolas primarias. Mostramos a sua necessidade, as suas vantagens e o methodo a seguir-se.

Presentemente ainda não podemos dizer que o ensino da musica seja uma realidade em nossas escolas primarias, com muito raras e honrosas excepções; todavia o exercício do canto, se bem que não seja igualmente geral, é executado por um maior numero de professores. Pena é que não tenhamos ainda uma collecção, em lingua vernacula, d'esses cantos escolares tão communs em outros paizes, celebrando feitos patrioticos, actos de virtude, descobertas scientificas, etc, etc. Os nossos cantos escolares são ainda muitissimo resumidos, contrastando tristemente com o numero dos nossos poetas. Os assumptos entoados pelos alumnos são na maioria religiosos, sempre os mesmos e por vezes mal ensaiados, como temos tido occasião de observar. Não ha variedade nem na letra nem na musica, o que contribue para o seu desmerecimento, na apreciação do alumno, que deve-se enfadar de repetir diariamente; no espaço de um anno lectivo, sempre a mesma cousa.

A «Revue Pedagogique», de Paris, traz em seu numero de Agosto ultimo, a proposito do assumpto que tomamos por epigraphe, os seguintes judiciosos conceitos.

«Não é de hoje que se reconhece a influencia auspiciosa do canto na educação moral. Os antigos tinham este ensino em tão grande apreço, que não consideravam homem bem educado quem não possuísse uma certa cultura musical. Platão ia mais longe quando dizia não se poder tocar em uma regra de musica sem chocar as leis fundamentaes do Estado.

«Em nossos dias, contentamo-nos em assegurar que a musica amenisa os costumes. E' ja reconhecer no canto uma certa influencia moral. E examinando-se até onde esta influencia consegue chegar verifica-se que ella pode ir mais longe do que a principio suppõe-se. O canto na escola não é somente um descanso, é tambem um exercicio que educa o espirito, toca o coração e deleita o ouvido, quando, bem entendido, é executado, cuidadosamente. E' elle que pode desenvolver, no mais alto gráo, o gosto pelo BELLO, porquanto a belleza musical emociona e comprehende-se melhor e mais facilmente do que, por exemplo, a litteraria, que demanda, para ser comprehendida, de uma intelligencia cultivada e um juizo exercitado, duas cousas que faltam commummente na criança. A alma sensivel e delicada d'esta ultima deixa-se dominar pelo encanto da melodia, que lhe proporciona uma doce emoção e desperta-lhe o desejo de fazer alguma cousa bella. O canto determina verdadeiramente o lado esthetico da educação, porque pode despertar os diversos sentimentos que a natureza infundio no coração do menino, os quaes temos por dever cultivar. O canto, no dizer de Felix Pecaut, deve fazer jorrar da alma popular as fontes mais puras do sentimentalismo,—os sentimentos de todas as especies:

877

doces, alegres, graves; o prazer de viver e a coragem de soffrer ou de morrer; a esperança aprasível e a resignação; o amor da familia, da patria e liberdade; o amor da natureza sob seus diversos aspectos e em suas differentes estações; o amor da virtude e do trabalho, como o prazer dos jogos; a amizade; a sympathy pelos miseraveis; emfim o sentimento mais profundo de todos, que engrandece e santifica os outros, o sentimento religioso.—Assim encarado, o canto na escola primaria torna-se um poderoso meio de educação. Para isto, é entretanto indispensavel fazer-se uma boa escolha de trechos, afastando despidosamente a banalidade sob todas as formas.

«O canto exerce não só uma influencia moral, mas é tambem, até um certo ponto, um auxiliar da disciplina: Faz amar á escola, é um descanso ao estudo, regulariza os differentes movimentos e concorre assim para a harmonia e ordem da aula.

«Em que momentos é conveniente cantar? Nas mudanças de exercicios principalmente na entrada e saida da escola. Começar e acabar a aula por um canto parece-nos excellente, e julgamo-nos feliz em achar num jornal de educação as seguintes linhas que veem corroborar em parte a nossa opinião:—«Prefiro um cantosinho ao começar a aula, um canto gracioso, antes terno do que «vivace», antes unisono do que em varias vozes, nunca um pedaço brilhante, mas alguma cousa de intimo de uma terna gravidade, que seja como a expressão collectiva do sentimento commum de todas as crianças que, piedosamente, fazem de alguma sorte o proposito de bem começar e passar mais um dia. Qualifiquem o canto como quiserem, elle é uma prece e, o que lhe dá um duplo valor, é uma prece commum, em que os juvenis corações fundem-se num mesmo lance para o bem» O canto que finalisasse a aula seria ainda uma prece commum em que transpareceria a expressão da alegria, da felicidade, do contentamento por ver finalizar sem contrariedade mais um dia, que foi utilmente empregado.

«Quanto aos cantos a executar nas mudanças de exercicios, fica aos cuidados do mestre escolher o momento opportuno. Para elle é isto apenas uma questão de habilidade. Depois de um exercicio fatigante, o espirito tem necessidade de uma recreação que lhe darão alguns minutos de canto. Torna-se mesmo a aula mais agradavel, mais aprazível, transformando-se algumas physionomias carrancudas, em cujos semblantes juvenis as reprimendas e observações lançaram uma gravidade incompativel com essa idade. E' o que se não deve esquecer, e, sobre tudo nestas condições, cinco minutos de canto não é um tempo perdido.

«Segundo o que precede, vê-se que o mestre não deve ensaiar um canto senão depois de se ter assegurado da influencia moral que elle possa exercer sobre os alumnos. As palavras, despertando o sentimento pelo objecto de que falla, devem estar ao alcance da comprehensão infantil, conservando ao mes-

mo tempo um certo caracter de elevação e poesia. A trivialidade ha tomado um grande lugar em certos pedaços de cantos escolares. Quanto á musica, importa que seja simples, bella, melódica, capaz, em uma palavra, de cantar. Um canto, para merecer a preferencia de escolha, deve cazar as bellas palavras com a bella melodia. De outra maneira seria ir ao encontro do fim procurado: não se pode cultivar o bello e o bom com banalidades.

«Examinemos agora se os cantos devem ser executados á uma só voz ou em vozes differentes. A primeira questão não soffre discussão: todos acceitam o canto unisono; mas a segunda tem os seus adversarios, que dizem que nos trechos a mais de uma voz um certo numero de alumnos perdem o interesse fazendo um papel secundario, a 2.^a voz de que são carregados. E' sem duvida uma opinião esta exagerada, porque é justamente d'este papel secundario que resulta a harmonia realçando a belleza do canto; e a criança experimenta um certo prazer em ouvir os accordes que ella concorre a produzir. A nossa opinião, pois, é que se deve exercitar tanto o canto unisono como em diversas vozes, contanto que se organize os córos de vozes bem iguaes e se escolha o canto ao alcance dos alumnos.

«Como se deve ensinar os cantos?—Não se pode começar de outra maneira senão pela audição, ao menos nas classes pouco numerosas. E' logico: assim como ensina-se a fallar sem se ensinar a ler, assim tambem se pode ensinar a cantar antes de estudar-se a musica. Todavia, nos cursos medio e superior, os alumnos ja sabem solfejar sufficientemente para poderem decifrar cantozinhos simples escriptos na pedra. Eis um meio excellente de os fazer aprender os cantos que não encerram difficuldades.

«Quanto ao estudo do canto por simples audição, eis como convem proceder. O professor lê primeiramente os versos e explica-lhes o sentido, tal como o fazia para uma pagina de recitação. Em seguida elle canta, ora simplesmente a musica, de modo a fazer os alumnos decorarem a entoação. Repete o trecho umas cinco ou seis vezes, ou mais, se preciso for, e não deve deixar os alumnos cantarem comsigo, senão depois de estar bem certo de que ja teem de cór a melodia.

«Uma vez aprendida a entoação, nada mais resta do que ensinar a expressão da musica, unindo á esta as palavras dos versos».

Que os conselhos neste sentido á cima resumidos aproveitem aos nossos bons e trabalhadores collegas: eis os votos que sincera e cordialmente fazemos.

CONGRESSO PEDAGOGICO

Tendo um dos nossos dignos collegas lançado por estas columnas a idéa da fundação de um congresso pedagogico por occasião da exposição interestadual, e mostrado as vantagens que desse alevantado commettimento pode vir para o professorado e o ensino, tomou a si o illustre sr. inspector escolar, dr. Antonio F. Dias Cardoso, a realisação desse ideal, e convidou a todos os professores publicos e particulares residentes nesta capital, para uma reunião em sua residencia, no dia 29 do mez findo.

O convite do sr. dr. inspector escolar foi dignamente correspondido; um elevado numero de professores publicos e particulares, directores de collegios e estabelecimentos officiaes, compareceram ao local indicado, mostrando assim que o professorado do nosso Estado tem sempre attenção sollicita para tudo aquillo que significa um progresso e um alento ás variadas funcções da pedagogia.

Depois de assignado o termo de presença, o sr. dr. inspector escolar expôz o fim da reunião e convidou ao sr. dr. José Antonio Pereira Guimarães, director do Lyceu, e interino da instrucção publica, a assumir a presidencia do acto.

O sr. dr. Guimarães accedeu ao convite do sr. dr. A. Firmo Cardoso, e num brilhante improviso, demonstrou as vantagens que trazem para as classes e para a sociedade em geral, as aggremações como a de que se trata, attestados eloquentes da civilisação e adiantamento de um povo.

Terminando o sr. Presidente o seu improviso, em que houve-se optimamente desde o exordio até a peroração, convidou ao sr. dr. Firmo Cardoso para occupar o logar de secretario, e apresentou a casa as seguintes indicações assignadas por diversos professores:

1.^a Que se elegesse uma mesa provisoria para dirigir os trabalhos das sessões, devendo esta ser composta de um presidente, um vice-presidente, um 1.^o secretario, e um 2.^o dito;

2.^a Que o presidente da mesa fosse o sr. director geral da Instrucção Publica;

3.^a Que a mesa organisasse um regulamento para as sessões;

4.^a Que se elegesse uma commissão de imprensa;

5.^a Que fossem convidados os professores dos Estados do Maranhão, Piauhhy, Ceará e Amazonas, para tomarem parte no congresso;

6.^a Que fosse nomeada uma commissão para organizar as theses que devem ser desenvolvidas no congresso.

O nosso collega Octavio Pires, usando da palavra, disse que lhe parecia necessario resolver-se, antes de tudo, qual devia ser o limite do congresso em relação ao ensino e por isso pedia ao sr. Presidente que, antes das indicações que acabavam de ser apresentadas, submettesse á consideração da casa a seguinte preliminar:—Se o congresso devia limitar-se á instrucção publica primaria, ou se devia comprehender tambem a particular, a secundaria, normal e professional.

Consultada a casa, ficou resolvido que o Congresso abrangesse a todos os ramos do ensino publico e particular.

Em seguida o sr. presidente pôz em discussão as referidas indicações; e uzando ainda palavra o nosso referido collega, disse que achava-se de accordo com todas, excepto com a que se referia ao convite feito somente aos professores do Maranhão, Piauhhy, Ceará e Amazonas;—proponha que fosse convidado o professorado de todos os Estados da União.

Pedi a palavra o sr. professor Manuel Carvalho e requereu que ficasse adiada a indicação referida e bem assim a emenda; approvedo.

Todas as outras indicações foram approvedas, excepto a que se referia a commissão de theses, que ficou adiada, por ter o sr. Presidente lembrado á casa a conveniencia de aguardar o comparecimento de mais professores e bem assim de representantes das congregações que iam ser convidadas.

Tratando-se da organisação da mesa e commissão de imprensa, o sr. professor R. C. Alves da Cunha propôz que fossem os membros da mesa e da commissão escolhidos por acclamação; approvedo.

O sr. professor Ricardo Santos indicou para vice-presidente ao sr. dr. Firmo Cardoso; approvedo.

O sr. professor Alves da Cunha indicou para 1.^o secretario ao sr. professor Octavio Pires, e para 2.^o o sr. professor Hilario Sant'Anna; approvedo.

O sr. professor Octavio Pires indicou para membros da commissão de imprensa aos srs. professores Alves da Cunha, Marcos Nunes e Bertoldo Nunes; approvedo.

Ficou tambem resolvido que a mesa officiasse não só ao sr. dr. Governador do Estado, dando-lhe sciencia da resolução do professorado, pedindo-lhe apoio official, e autorisação á *Typographia Official*, para a impressão de todos os trabalhos do Congresso, como tambem aos srs. directores dos diversos estabelecimentos officiaes de ensino, convidando-os e bem assim aos corpos docentes, para tomarem parte no congresso.

Antes de encerrada a sessão os srs. Professores Octavio Pires e Hilario Sant'Anna agradeceram aos seus collegas a prova de confiança e consideração que lhes haviam dispensado.

Não havendo nada mais a tratar o sr. Presidente, depois de louvar ao professorado pela maneira correcta e digna por que tinha concorrido áquella reunião, cujo fim consistia em levar a effeito a realisação do Congresso, emprehendimento esse que muito elevaria não só ao professorado, como tambem traria muitas vantagens para a instrucção em geral, encerrou a sessão.

—O termo de presença foi assignado pelos seguintes professores: Marianna H. C. de Macedo, professora da 14.^a escola do 4.^o districto, Raymundo Bertoldo Nunes, director do Atheneu Paraense, Ricardo José d' Oliveira Santos, professor do Instituto, Diogo José dos Santos, representante do reitor do Seminario do Carmo, Marcos Nunes, director do Instituto, Manuel A. Ferreira de Moraes, professor jubilado, Elvira de Jesus Villas-Boas Mattos, professora do collegio Santa Maria de Belem, Maria dos Praseres Villas-Boas Mattos, directora do collegio Santa Maria de Belem, Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, professor normalista, Bernardina Camilla de Queirós, professora do collegio S. Luiz de Gonzaga, Ursulina Faria da Silva, professora da 5.^a escola do 4.^o districto, Maria Pacheco de C. Guimarães, professora da 1.^a escola publica do 4.^o districto, Angelica Vigilia Pereira Seixas, professora da 12.^a escola do 4.^o districto, Analia de Jesus Lima, professora da 2.^a escola publica do 4.^o districto, Marianna Seixas de Almeida, adjuncta da 12.^a

escola do 4.^o districto, Raymunda Thereza de Mello, adjuncta da 6.^a escola do 4.^o districto, Virginia Faria Alves da Cunha, professora da 3.^a escola do 1.^o districto, Vicentina Faria da Silva, adjuncta interina, da 4.^a escola do 2.^o districto, Etelvina Izabel Pereira, professora interina da 9.^a escola do 4.^o districto, Maria Raymunda da Conceição, adjuncta da 9.^a escola do 4.^o districto, Amelia Capper, Adjuncta da 11.^a escola do 4.^o districto, Maria Ribas da Costa Rego, professora da 4.^a escola do 4.^o districto, Maria do Carmo da Silveira e Sousa, professora da 4.^a escola do 4.^o districto, Emilia Augusta de Belem, professora da 1.^a escola do 3.^o districto, Maria Ardasse Coelho da Motta, professora jubilada, Francisca Leopoldina de Carvalho, adjuncta da 1.^a escola do 2.^o districto, Ambrosina Campos Neves, professora da 4.^a escola do 1.^o districto, Maria Stellina de Sousa Valmont, professora da escola modelo, Juliana Carlota Simões, professora da 6.^a escola do 1.^o districto, Maria Barbara de Moura Magalhães, adjuncta da 4.^a escola do 4.^o districto, Rita Joanna de Moura Magalhães, adjuncta da 5.^a escola do 1.^o districto, Alzira Lemos, pelo collegio Antunes, Julieta Lemos, pelo collegio Antunes, Clara Santos, pelo collegio Antunes, Raymunda Sousa, pelo collegio Antunes, Joaquim Antonio da Paixão, 1.^a escola, 1.^o districto, Augusto Nelson Ribeiro, professor da 3.^a escola do 2.^o districto, João Florencio de Mello, professor da escola Infancia desvalida, José Maria de Jesus Britto, professor da 2.^a escola do 1.^o districto, Augusto Ramos Pinheiro, professor do Instituto e director do collegio Minerva, Antonio Pedro Celestino Ferreira, professor do Pinheiro, Pedro José Gonçalves Peleja, professor da 1.^a escola do 4.^o districto, Sebastião José Salgado, professor da 4.^a escola do 4.^o districto, Josephino C. R. Lobato, professor da 2.^a escola do 4.^o districto, Cantidiano Augusto Nunes, professor da 3.^a escola do 1.^o districto, Clementino de Nazareth Monteiro, adjuncto da 2.^a escola do 4.^o districto, Antonio J. de Lima, da 3.^a escola do 3.^o districto, Octavio Pires, professor da 1.^a escola do 2.^o districto, e director do collegio Minerva, Francisco F. de Vilhena Alves, professor da Escola Modelo, Severiano Bezerra d'Albuquerque, lente do Lyceu Paraense, P.^o Dr. Clementino José Mendes Contento director da escola parochial de Sant'Anna, Manuel José Pereira de Carvalho, professor do 3.^o districto, Arthur Octa-

vio Nobre Vianna, professor do Lyceu Benjamim Constant, Maria d'Araujo Mattos Guerra, directora do collegio N. S. de Nazareth, Francisca Hygina de Sant'Anna, professora normalista, Theodoro Rodrigues, professor do Atheneu Paranaense.

GENTILICOS

Póde-se estabelecer como regra geral—que, para a formação dos nossos gentilicos ou patrios, derivados de nomes que terminam por vogal accentuada, basta pospôr a estes o suffixo *ense*. Exemplos:

Curuçá — Curuçáense.
 Cametá — Cametáense.
 Macapá — Macapáense.
 Gurupá — Gurupáense.
 Pará — Paráense.
 Piauhy — Piauhyense.
 Paraná — Paranáense.
 Acará — Acaráense.
 Abaeté — Abaetéense.
 Mojú — Mojúense.
 Muaná — Muanáense.
 Guamá — Guamáense.

Desta regra só é exceptuado o vocabulo—*cearense*—derivado de Ceará.

Qual a razão desta excepção?

Não ha nenhuma razão; mas a sem-razão della é o uzo, o soberano do mundo.

E' verdade que já vi algures escripto—*Camet'ense*—derivado de Cametá. Mas então sejam logicos até o fim, e digamos: *par'ense*, *curuc'ense*, *macap'ense*, *guam'ense*, *moj'ense*, *paran'ense*, etc.

E' horroroso, não é?

Neste caso, de dous males escolhamos o menor: digamos ao mesmo tempo *cearense* e *cametáense*;—comquanto estas duas fórmulas sejam como duas linhas parallelas que, contra os principios da sciencia, se encontram, e brigam, e procuram destruir-se mutuamente, muito admiradas aliás de se verem juntas.

Isto quer dizer que o uso é ás vezes um terrivel antagonista do senso-commum.

VILHENA ALVES.

Acerto — Asserto

Palavras homonymas, cujas significações, inteiramente differentes, muitos desastradamente confundem.

Asserto—é declaração ou proposição affirmativa; exemplo: Concordo com aquelle *asserto*—isto é—com aquelle asseveração.

Acerto—é lance, conjectura ou calculo realiado, isto é, que sahiu *certo*. Com este vocabulo fórma-se a locução adverbial—*por acerto*,—igual a—*ao acaso*, *por acaso*. Exemplo:

« Hoje trevas em manto palpavel
 Me circumdam; — nem já *por acerto*,
 Vejo triste nos prantos, que verto,
 Luz do céo reflectida outra vez. »

(G. DIAS.)

VILHENA ALVES.

LITTERATURA

o vinho de meu tio

NOVELLA

(Conclusão)

Padre! Ah! agora acredito que não devo mais pensar em Riette!

Eu não sabia o que se passava em mim. Momentos houve em que o temor de perder a minha alma fazia-me acceitar esta ideia de ordenar-me, suggerida por minha mãe e meu tio. Elles me amavam tanto! E isto causava um tal prazer a ambos! A vida d'este mundo não é tão longa. E o que valem os seus prazeres comparativamente á salvação de nossa alma?

Sentia-me victima imminente de alguma poderosissima tentação. Eu preferia passar por um supplicio interminavel, qualquer que elle fosse, do que manter a ideia de ser padre. Se me afigurava que eu ia entrar em espessas trevas sem fim, em que eu soffreria sempre, sempre, sem

cessar! Travava-se uma lucta em mim que eu não podia explicar. Estremecimentos dolorosos constrangiam-me certas partes do organismo cujos nomes eu ignorava. E eu chorava, derramando lagrymas quentes e lamentando-me por um mal profundo que me fizeram não sei onde.

A boa Zenaïde foi procurar-me sob o caramanchel, onde me chamava com a cabeça sobre os braços que descancavam na meza, vertendo prantos silenciosamente. Não lhe pude responder ás perguntas senão por soluços que me arqueavam o peito. O seu almoço aplacou-me um pouco; mas uma pesada tristeza acabrunhava-me de tal sorte que eu não sentia o menor prazer com as vistas das gravuras da *Historia de revolução franceza* de Thiers, que meu tio havia assignado a cinco francos por mez.

Deos sabia entretanto si a lembrança d'estes generaes de 26 annos, victoriosos em toda a parte, tinha o dom de me enthusiasmar. Nunca eu poderia parecer-me a elles. Padre! Eu ia ser padre!

E as horas pareciam-se longas...

Se ao menos eu encontrasse qualquer cousa que me distraisse!... Eu experimentava unicamente uma molleza, uma inercia em todo o corpo, que me faziam estúpido ante a immensidade silenciosa dos campos. Nada me impediria de fugir e correr até as pastagens de Remejadou. A simples recordação dos jogos infantis que tanto prazer me causaram incutia-me a compaixão de mim mesmo. O que poderiam, contra os meus soffrimentos, as mais vivas partidas da *cabra-cega* ou do *jogo das bolas*, si as risadinhas das meninas da minha idade, cuja frescura bastaria para apagar-me as penas, eram doçuras para mim prohibidas eternamente?...

Preferi deter-me sosinho, no jardim de meu tio, com o coração estaçalhado pelo meu mudo soffrer, e os olhos mergulhados nas profundezas do céu longinquo. Não sei por quanto tempo ahi me conservei immovel. O que sei é que o sol ja descambava por traz das mais altas montanhas. Por fim, fatigados os meus nervos pelo turpor que me dominava, ergui-me, subi a um banco, apoiei os cotovelos sobre o muro e comtemplei a grande sombra do Bois-Grand e de Chanteperdrix que se alongava sobre as campinas, enquanto o sol incandava-lhes os cimos, que pareciam tragar-lhe a face pouco a pouco e engulil-o lentamente.

Não se via ainda pessoa alguma de volta para a aldeia pelas estradas desertas. Ninguem se movia fora das cabanas que ficavam isoladas durante os supremos trabalhos do outomno. E tão doloroso era o meu isolamento que eu sentia desejos de gritar, pouco importava o que, com o fim de illudir-me, como as crianças que cantam á noite para distrairem-se do pavor que as invade.

—Ah! meu tio, si foi com o fim de fazer-me passar um excellente dia que mettetes-me na cabeça a ideia de ordenar-me, na verdade!...

De repente distingui vir andando, sobre a ladeira do Combe-Rouge, a cem passos de distancia da nossa vinha, adevinhae quem!... Margarida Portal, trazendo no braço um cesto que lhe pezava; pareceo-me crescida e tão agil que, apezar do seu fardo, mal tocava o solo, caminhando assim do sol.

Não sei mais o que me aconteceu. Senti o coração faltar-me no peito, como o passarinho de encontro aos varões da sua gaiola. Os meus olhos se humedeceram e as minhas pernas vergaram. Meu-Deus! Irei morrer já? A verdade é que faltaram-me as forças. Dir-se-ia que todo o meu sangue fugira-me pelas veias abertas. E era esta mesma Riette que me occasionava todo este mal: eu bem o sentia. Tudo se apagou diante da minha vista: nada mais distingui, apezar d'aquelles cabellos de Riette que o sol inflammara em torno á frente d'ella como um musgo de ouro fino. O meu tio tem razão: Foi mesmo Satan que forjou estes cabellos diabolicos nas chammas do inferno. Fechei os olhos para não pensar mais nesta menina e segurei-me ao muro com toda a força que me restava, para não deixar estender-me de costado sobre o solo do jardim.

—Boa tarde, Valentim!

Milagroso poder de voz! Estas tres unicas palavras, expressadas como tres notas cristallinas de uma flauta de pastor, ás margens do lago de Chantemerle, tiveram o dom de me despertar; a sua melodia insinuou-se tanto em mim, como a tepida caricia do vinho de meu tio: ella reanimou-me; fez-me voltar á vida.

—Ó Riette! Minha linda Riette!

Os meus olhos ávidos encheram-se da imagem de seu rosto, risonho como o erguer do sol em pleno abril.

—O que tens? perguntou-me parando diante de mim. Estás mais pallido do que um defunto.

—Achas? Ah! não sei o que tenho; mas eu sentia agora mesmo que estava a cair.

—Meu Deos! Onde está Zenaïde? E o teu tio?...

—Nem Zenaïde nem meu tio estão em casa, e eu não me sinto bom.

—Precisas então de meus cuidados?

—Preciso! Entra.

—Já que estás doente...

Que diga o meu tio o que quizer de Riette. Desde que a vi melhorei logo. Consegui não sem dificuldade, chegar á porta do jardim. E Riette entrou, um pouco tímida; caminhou com precaução como se entrasse numa igreja.

—O que tens? O que te doe?

—Agora, nada.

Era extraordinario. Creio que eu nada soffria, então si meu tio nada me houvesse dito. As forças tinham-me voltado; o meu pezar se havia evaporado. Fiquei de frente de Riette sem ter uma palavra a lhe dizer, mas dominado de uma doçura que me fez suspirar de prazer e rir de contentamento.

Era entretanto preciso que eu achasse um meio de fazer Margarida demorar-se. O meu mal reapareceria logo se a deixasse partir.

Tinhamos chegado diante do caramanchel.

—Entramos aqui, não queres?

—Mas não é ahí que eu poderei preparar-te alguma tisana.

Riette não se atrevia a entrar no jardim de meu tio, se não fosse a necessidade de cuidar de mim. Ella devia em consciencia me tractar da saude.

—Vamos antes á cosinha de Zenaïde, disse ella. Com um punhado de cavacos assende-se o lume e farei ferver uma infusão das quatro flores, que deve haver aqui.

Distrai-me ouvindo Riette prescrever, ao comprido, as suas receitas de medicina. Porem escutando-a, eu pensava em outra cousa: no pezar do dia inteiro que Riette veio dissipar com a musica da sua voz, com a luz do seu sorriso e da sua belleza. E lembrei-me que ás vezes os nossos camponezes, quando experimentam alguma tristeza, consolam-se com um copo de bom vinho.

—Ora, tu me fazes rir com as tuas tisanas. Vem commigo. Acharemos cousa melhor para reanimar-me da fraqueza.

—Se teu tio nos vem encontrar?

—Elle sabendo que escapei de morrer de pe-

zar, dirá que fiz bem em restaurar-me as forças. Traz tudo ca para o caramanchel.

Vencida pela segurança com que lhe fallei, Riette obedeceu, mas não sem tremer um pouco.

Dois minutos depois, sahi da cava agitando uma garrafa que os ultimos raios do sol, lançados como flexas do vertice do Bois-Grand, fizeram scintillar, apezar do seu poerento envolvero de teias de aranhas.

—Creio que tive a mão feliz: é uma garrafa de vinho de 1859.

—Sênhor! exclamou Riette juntando as mãos. Uma garrafa de 59! Meu pobre Valentim, tu estás louco.

—E' melhor que me dêes o saca-rolhas.

Riette ficou ainda mais estupefacta com esta minha franqueza que succedeu ao abatimento de agora. E o seu ar de espanto deu ao seu semblante um novo encanto de que me senti ufano.

—A' meza! disse eu, que a garrafa está desarrolhada não sem um esforço violento dos meus tracos braços e da minha gulodice, activada com o perfume do vinho que me entrou pelo nariz.

—E, aventurou Riette dominada de escrupulos mal contidos, si o sr. cura vier a saber que bebi vinho contigo...

—Offereceste-te ou não para me tratar?

—Sim, mas...

—Pois bem! é como se me tivesses curado do meu encommodo.

Enchi os dois copos que depuz em nossa frente, e fiz Riette tomar um biscouto, que ella comeu ainda um pouco temerosa.

Com o primeiro copasio afogaram-se finalmente os seus ultimos remorsos.

—Como achas tu este vinho?

—Hum! disse ella, como é bom!

Ao rebate d'este vinho generoso, a tez marmorea de Riette reanimou-se um pouco; o seu rosto tomou então a coloração delicada dos nossos cravos, ligeiramente rosea, e seus olhos azues fulguraram com um brilho tão puro que dir-se-ia duas estrellas gemeas, debruçadas sobre as nuvens, a mirar-se nas aguas limpidas de Ouvette, em noite de luar.

—Mais uma gotta, so uma gottinha!

—Oh não! Obrigada!

—Ora, achaste este vinho tão bom... Demais eu o não furtei. Tudo o que é de meu tio, aqui, é tambem meu. Dá-me o teu copo.

—Então, so um dedinho.

E, rindo-se, com essa risadinha um tanto maliciosa que lhe ia tão bem, exclamava:

—Basta! Basta! Então?... E' este o remedio que tens para curar-te?

—Olha, os homens, quando tem algum pezar, bebem.

—E tens tu algum pezar?

—Passei hoje o dia tão triste que por fim, como viste, pouco faltou para ir-me d'esta vida.

—Realmente. O que te fizeram?

Esta Riette! Onde ia ella aprender este segredo de me arrebatat com entonação com que expressava certos termos? Minha mãe possuia na voz, quando me aconselhava, uma suavidade que passava-me sobre os soffrimentos como um balsamo. Nunca entretanto senti nas suas palavras uma doce ternura tão penetrante como nestas ultimas que Riette acabava de proferir.

—O que me fizeram? Não te posso dizer.

—Emfim, nada mais sentes agora?

—Todo o meu mal, Riette, era por te não ver. Sim, era so por isto. Meu tio prohibio-me esta manhã porque elle quer que eu seja padre.

—Ah!

Riette tornou-se grave subitamente. Levantou-se, e seus olhos, occultos sob as palpebras que se baixavam logo indicavam-me o desejo de retirar-se. Ella ergueo do chão a sua sesta e preparou-se para partir. Novamente senti todo o meu ser em dolorosa commoção. Vendo-a eu prestes a despedir-se, postei-me resolutamente diante d'ella:

—Tu não irás assim. Tu não me deixarás zangada!

—Não me vou zangada; mas tui ouzada em beber assim o vinho de teu tio, sem me ter sido offerecido por elle.

—Foi offerecido por mim, é o mesmo que ter sido por elle.

—Deixa-me passar.

—Não deixo sem que primeiro toquemos os copos, para me provares que não vaes zangada commigo.

Visivelmente resignada á minha vontade e não mais com aquella sua anterior doçura, ella retomou o copo:

—A tua saúde, Riette!

—A tua saúde, Valentim!

No mesmo instante em que os nossos copos

tilintaram, a porta do presbyterio abriu-se atraz de nós.

—Meu tio!

—E' o teu tio que entra!

O que acabavamos de fazer seria um mal? Ambos experimentamos um tal sobresalto, que faltaram-nos as forças para beber. Entretanto, eu tinha consciencia de que a minha confusão não provinha do pouco de vinho que eu tomava com Riette.

Meu tio, vendo-nos assim de copo em punho, não quiz acreditar no que seus olhos viam. Elle hesita; dá alguns passos e, com uma voz de estupefacção acompanhado de um gesto oppressivo, gemeu enfim:

—Riette! Valentim! Desgraçadas crianças, o que estão fazendo?

Permaneci tranquillo. Não foi por causa do pouco de vinho que bebemos que meu tio ficou aterrado, mas sim porque elle me achou com Riette, depois de me haver prohibido de pensar nella. Nada pude responder porque o respeito que eu tinha a meu tio tolheo-me a falla; mas eu não tinha nem vergonha nem remorso. Alem de tudo, a presença de Riette não me constrangia absolutamente. Se não fosse ella, talvez meu tio me viesse encontrar sem sentidos ao pé do muro. A sua vinda foi, pois, uma obra de caridade para mim.

Riette sentia-se mais confuzo do que eu. Ella não se atreveo a arriscar a menor explicação sobre este jantarzinho improvisado em baixo do caramanchão do presbyterio, com um prato de biscutos e uma garrafa de vinho meio esgotada.

—Comeram e beberam juntos?! disse enfim meu tio que vio sobre a meza os restos das nossas iguarias. Se tinhas fome, Valentim, fizeste bem em comer um pouco de biscoto e beber um dedo de vinho, para concertar o estomago até o jantar. Somente devias tomar um outro vinho que não esse de 1859 de que me restam apenas algumas garrafas. Mas o que fazia Riette aqui?

—Perdão, sr. Cura! balbuciou Riette fazendo-se vermelha e inclinando-se para meu tio, como para receber a absolvição do seu peccado.

—Perdão, meu tio! atrevi-me a implorar por minha vez, inclinando-me tambem ao lado de Riette. Eu so foi a causa de tudo isto.

Meu tio baixou os olhos sobre nós. Entretanto não vi brilhar nelles a colera cujo raio eu me havia disposto a attrair sobre mim só. Em seguida le-

vantou-os ao ceo, onde ja algumas estrellas scintillavam. Elle tomou, sem duvida, da fonte infinita das misericordias a força para dominar a sua irritação. Uma indulgencia tocante fez tremer um pouco a sua voz.

—O que houve, então? Vejamos.

—Meu tio, eu me senti doente. Riette passava dos campos no momento em que eu ia desfaller.

—Oh, minha pobre criança! Estás agora melhor?

—Riette entrou então para me acudir, e eu lhe offereci este copo de vinho que me fez voltar a mim.

—Está bem, Riette. Eu te agradeço os bons serviços que prestaste ao meu sobrinho. Vae, minha filha. Podem precisar de ti em tua casa.

Mais ligeira do que uma cotovia que se atrazou á tarde no caminho, para chegar ao ninho que ainda muito dista, Margarida Portal, depois de dar boa-noite ao sr. Cura, evaporou-se sem mais pensar no que podia acontecer-me.

—Quanto a ti, Valentim, disse meu tio quando ficamos sós, não sou tão ingenuo para não ver a especie de cuidados que prestou-te Margarida. A sua presença, a sua gentil loquacidade, tão doce como os cantos dos nossos rouxinoes de Ouvette, melhor do que o meu vinho trouxeram-te a saude. Esta tendencia irresistivel que experimentas para as meninas, tão perigosa para a tua alma, é-me entretanto um raio de luz. Tu não terias força bastante para refrear as tuas más inclinações. Não serves para padre: Deos não te escolheu para isto. Entretanto esta viva intelligencia com que Elle te prendou devia ser consagrada á sua gloria. Emfim!... As sendas do Senhor são impenetraveis. Retira estes restos do teu festim.

Pratos, copos, garrafa, tudo transportei de uma so vez para o armario da sala de jantar. Tudo me era facil, então. A vida readquerio novamente para mim todo o encanto attrahente da aurora. Quando o toque do *Angelus* espalhou no silencio pavoroso da noite as suas vibrações argentinas, concentrei o mais que pude, na recitação d'esta prece, todo o meu terror de gratidão a Deos, que branqueava-me á juventude todas as estradas encantadoras da vida amplamente aberta.

A indulgente condescendencia que me dispensava meu tio, pelas mi-has grandiosas fraquezas humanas, na senda do sacrificio em que

elle desistia de me levar adiante, acabara de fundir-me o coração em ternos sentimentos pelo pezar que lhe causei a respeito de sua vinha.

Veio-me então o imperioso desejo de dulcificar-lhe o amargor que experimentava com a perturbação da sua consciencia, occasionada por uma inconsiderada reflexão de minha parte. Pensei em formular uma d'estas phrases galhofeiras que eram para elle como uma caricia d'alma cuja doçura, quando partia de mim, dava-lhe prazer no coração.

—Na verdade, meu tio, lhe disse eu á ceia, entre a sopa sorvida silenciosamente e uma truta (*) de Chantemerle, preparada por Zenaïde com molho de manteiga, cujo segredo so ella conhece, este vinho sabe bem. O sr. tem muita razão de amar a sua vinha.

E, uzando das suas proprias palavras, proseguí eom solemnidade que o fez rir:

—«A vinha é um don de Deos mais precioso do que o ouro, porquanto é o sangue da uva que Elle permite ser transsubstanciado no sangue divino».

—Sem duvida. Mas tu me trouxeste um esclarecimento a proposito. Esta vinha prendia-me o coração por laços de uma paixão demasiadamente terrestre: no anno proximo vindouro eu a darei a teu pai.

—Oh, meu tio! quando me lembro que é por causa que o sr. se vae privar do unico prazer que possuis neste mundo... E um prazer tão innocente!

—Não te entristeças com isto. E' preciso que haja nesta vida algumas almas que tenham a força de sacrificar-se até a ultima pela salvação das que não sabem renunciar cousa alguma.

A partir do anno seguinte, foi meu pai quem cuidou da vinha de Combe-Rouge. Entretanto, ou fosse pelo rigor dos tempos, ou porque meu pai não lhe podesse dedicar a mesma exclusiva affeição de meu tio, a verdade é que nunca mais obtivemos esse vinho impregnado do fino odor das pimpinellas e dos cravos silvestres de que esta vinha se embalsamava sob o tratamento de meu tio, como se fosse banhada em uma onda de perfumes.

FELICIANO PASCAL.

(*) Peixe.

De inubia na mão...

Duas pantheras, Patria, famulentas
Vejo te abrirem truculentas fauces,
Quando, o peito a sangrar, tu te retorces
Nas agruras da GUERRA lutulentas!

E não coram de ver que ainda ensaias
Os fragíssimos passos de criança:
Escusava irmanar tanta pujança,
P'ra criminosamente vir-te ás praias!

Cegam-se ao ver-te a natural grandeza;
E esses tons donairosos de princeza
Lhes accende a cubiça intoleravel!

Mas em vão! Penetremos na floresta!...
Brandi, valente, a « tamarana » infesta!
Mostrai nosso valor inquebrantavel! (1)

BASILIO DE CARVALHO

Cametá—Setembro de 1895.

PEDAGOGIA

O portuguez ensinado pelas theorias modernas

Não raras vezes ouvimos de algumas pessoas que o systema que modernamente está admittido para o ensino do portuguez, com exclusão de qualquer outro, é uma utopia em materia de ensino; que a intelligencia da creança não pode alcançar uma tal *embrulhada* de termos difficeis e caprichosos; que um systema tal como esse jamais pode sortir effeito; que a creança consumirá

inutilmente, o tempo; que, finalmente, o systema antigo é mil vezes mais vantajoso, devendo, por isso, ser o preferido.

Redondo engano! illusão fatal!

Utopia, dizem, e porque? perguntamos nós.

Acaso o ensino moderno de portugez não tem feito innumeros progressos?

Como conceber que, sendo este systema uma utopia em materia de ensino, podesse, em tão curto espaço de tempo, merecer os applausos e cuidados de tantos philologos distinctos e mestres abalisados?

Quem é Julio Ribeiro? O mais subido philologo brasileiro que, despresando e calcando aos pés as classificações illogicas e irracionaes do estudo metaphysico da grammatica, elevou esta a um alto gráo de perfeição a que nenhum outro philologo brasileiro tem podido attingir.

« Louvores, dizia o sr. Ruy Barbosa na qualidade de relator de um parecer e projecto da commissão de instrucção publica, apresentado á Camara dos Deputados, em 1882, louvores ao nosso distincto philologo, o sr. Julio Ribeiro, pela intelligencia com que comprehendeu e traduzio esta nova direcção dos estudos grammaticaes. « Grammatica diz elle, é a exposição methodica dos factos da linguagem ».

Podemos ainda citar João Ribeiro, Pacheco Junior, Lameira de Andrade, Maximino Maciel, etc, que foram outros tantos disseminadores das theorias modernas da linguagem.

Quanto á *embrulhada* de termos difficeis de serem pelas creanças comprehendidos, perguntamos apenas a esses irreflectidos depreciadores do systema hodierno, se a instrucção publica decahiu ou elevou-se depois de condemnadas as velharias da nossa grammatica?

Duvidamos que osem affirmar que decahiu, e, se o fizerem, serão verdadeiros *cegos* em pleno seulo XIX, pois é não ver o movimento escolar da nossa capital onde é condemnado e julgado inepto o professor que, aferrado á rotina do velho systema de ensino, não trabalha por comprehender e transmittir o moderno.

Brilhantes têm sido os exames de certificado procedidos em Belem, e não nos consta que nesses exames houvesse um só examinador de portuguez que, ao menos de leve, tocasse nessas *bagagens*, ha muito, lançadas na *vala commum* por serem taxadas de erroneas e retrogradativas.

(1) Este soneto foi escripto a proposito da questão da ilha da Trindade e morticinio dos brasileiros no Amapá.

Daqui se deduz que as creanças podem (porque já o tem podido) facilmente assenhorear-se da nova tecnologia grammatical que nós reputamos consentanea com a razão humana.

Louvaveis e beneficos effeitos tem apersentado o systema que agora advogamos e que é difficil áquelles que não querem estudal-o e que, até hoje, vivem embevecidos pelos torpores do carrancismo degenerado já em fanatismo tolo.

A creança estudando a grammatica moderna, só poderá consumir inutilmente o tempo, se o professor não se der o trabalho de estudar e explicar com uniformidade e correcção essas excellentes theorias.

Para a creança que começa, até a syllabação é difficilima, porém a constancia e a aptidão do mestre tudo conseguem.

Onde está a vantagem do systema antigo? Em conter tantas classificações estribadas em falsas bases? Em chamar grammatical a analyse lexicologica? Em dominar logica a analyse syntactica? Em sustentar estes e outros muitos erros?

Se assim é, curvamo-nos ante os que deste modo pensam e vamos pregar adiante, áquelles cujo criterio e senso estão bem formados.

Em os dois pontos de vista, lexicologico e syntactico, o moderno ensino da grammatica é, por excellencia, o preferido por nós e por todos aquelles que já o conhecem.

Hoje estudamos e ensinamos a grammatica pela lingua e não esta pela grammatica.

Não é de modo algum admissivel que ficasse-mos estacionados na sciencia da linguagem quando todas as outras sciencias, recebendo os effeitos da evolução natural, passam por transformações radicaes.

Por ventura nada mais ha que estudar em nossa lingua? Respondemos com as seguintes palavras de Julio Ribeiro:

«O estudo da grammatica divide-se em diversas partes: começa em nossa infancia, e dura toda a vida. Os homens mais intelligentes e doutos têm sempre alguma cousa a acrescentar ao seu conhecimento da lingua, mesmo da materna».

Deviamos, pois, caminhar, e é o que estamos fazendo. Devia a grammatica portugueza soffrer profundas modificações, e foi o que se fez.

Todas as theorias são boas emquanto melhores não apparecem; assim é que o systema antigo

de ensino da lingua materna foi considerado bom, porque o moderno ainda não era conhecido.

Aqui, no Pará, se não nos falha a memoria, o primeiro homem que procurou estudar, comprehender e propagar as novas direcções dos estudos da lingua, foi o illustradissimo e respeitavel professor Severiano B. d'Albuquerque, cujas opiniões são havidas como as de uma auctoridade na materia.

Deve o homem alforiar-se, por uma vez, de todos esses fallazes preconceitos que se arrojam contra o evoluer natural e inevitavel da sciencia que tende fatalmente a tocar o seu idéal.

E' mister que o espirito humano seja soberanamente eclecticico em todos os sentidos; porem para sel-o torna-se imprescindivel, estrictamente imprescindivel estudar, meditar e sobre tudo analysar,

O menoscabo atirado assim, sem o menor fundamento, contra qualquer idéa ou theoria nova, não tem, por certo, valor algum e, por isso mesmo, não se lhe deve dar preço. Hoje, mais do que nunca, forçoso é abandonar totalmente a decahida norma dos estudos grammaticaes e enveredar-se cada um nesta nova estrada já expurgada de graves defeitos e doutrinas contrateitas que foram congruas em seu tempo.

Actualmente não é mais permittido a professor algum ignorar o moderno systema de ensino de portuguez, pois é este o unico officialmente admittido e obrigatorio nas escolas publicas assim como em todos os estabelecimentos de instrucção publica. Nós, portanto, que nos achamos á testa da direcção do *Instituto Cametáense*, jamais consentiremos que por outro systema sejam instruidos os nossos alumnos, já porque, de outro modo accarretariamos o descredito desta casa, já porque sempre nos temos empenhado em acompanhar, passo a passo, os progressos da sciencia.

Com relação ao assumpto occorre-nos um facto que nós mesmo presenciámos, no anno passado, quando faziamos parte da commissão examinadora dos candidatos a certificados. A esses exames compareceram turmas bem preparadas que, por certo, muito honraram seus mestres. Numa dessas turmas, porem, apresentou-se a exame um alumno que, apesar do seu magnifico preparo em todas as materias, passou pelo desgosto de ver baixar-se sensivelmente o gráo de sua approvação em portuguez, somente porque, conhe-

cendo perfeitamente as theorias antigas pelas quaes o instruíram seus mestres, ignorava completamente as modernas.

Isto prova exuberantemente que, no dia de hoje, em exames officiaes, não se acceitam mais essas theorias por uma vez despresadas.

O nosso intento, traçando estas linhas, foi apenas lavrar um solemne protesto contra essas accusações futeis que de alguns ouvimos.

Por serem futeis taes accusações, não deveram, certamente, merecer nossa attenção, porem ellas calam profundamente nos espiritos desprevenidos e podem, por isso mesmo, ganhar causa.

JOSÉ PINTO

NOTICIARIO

Por affluencia de trabalho deixamos de dar, no presente numero, a continuação da nossa apreciação sobre a *Grammatica* do nosso collega o sr. Professor Vilhena Alves, o que faremos no proximo numero.

Pedimos desculpa ao illustre collega por essa falta.

OCTAVIO PIRES.

« A Palavra »

Sob esta denominação surgio nesta capital mai; um denodado combatente da grande causa civilisadora, tendo como redactor-chefe o talentoso 1.º tenente sr. Getulio dos Santos, como gerente o laborioso sr. Odylon de Menezes, e como demais redactores os srs. dr. Christovam Barretto, Maya Conde e Gervasio Nunes.

« A Palavra » é uma revista militar e litteraria que vem, cheia de vida e esperanças, trabalhar pela grande obra do progresso, e por isso diz em seu artigo-programma:

« A Palavra » resume o traçado de seu

caminho em duas palavras: Luz e União, sua divisa, facultando a quem quer que seja as suas columnas, como meio de desenvolvimento intellectual de seus concidadãos, e propagação da instrucção entre aquelles que queiram dedicar-se ao cultivo das letras.»

Bem escripta como é, a amavel collega merece ser lida, e por isso, recommendando-a aos nossos leitores, só temos para ella mil palavras de parabens, pela posição que vem occupar; de animação, pela idéa que vem defender, e de sinceros agradecimentos pela permuta que nos offereceu.

Em nossa modesta sala de visita recebemos sempre com toda a cortezia e satisfação.

Augusto N. Ribeiro

Para reger interinamente a 3.ª escola do 2.º districto desta capital foi nomeado o nosso digno collega de redacção, professor Augusto Nelson Ribeiro.

Foi uma nomeação acertada que fez o illustre sr. Dr. Governador, porque aquelle nosso intelligente collega, além de ser trabalhador e fiel cumpridor de seus deveres, possui os bellos attributos de excellente preceptor.

Damos-lhe por este motivo o nosso sincero abraço de felicitação, congratulando-nos com a mocidade paraense por ter á testa de sua educação um distincto auxiliar.

Cidade de Curuçá

Pelo sr. Dr. Governador do Estado foi designado o dia 4 de Outubro vindouro para ser installada a cidade de Curuçá, ultimamente creada pelo Congresso Estadual.

Dando esta noticia, felicitamos ao nosso illustre collega de redacção, professor Gualberto de Campos, filho daquela localidade, pela merecida honra que acaba de obter o seu torrão natal.

Segundo livro de leitura

Cartas de Paris dão-nos a agradável noticia de que brevemente chegará a esta capital a 1.^a edição do Segundo livro de leitura organizado pelo nosso collega, Augusto R. Pinheiro, segundo trabalho didactico com que aquelle preceptor dota á mocidade estudiosa.

A Lucta

Agradecemos penhorados a remessa que tem-nos sido feita deste interessante hebedomadario que publica-se nesta capital sob a distincta redacção dos srs. Brazão e Silva e Adolpho Lisboa.

Augurando á «Lucta» um porvir risonho, desejamos-lhe a colheita de virentes louros na senda encetada.

Juizo da imprensa

O *Democrata*, illustre orgão de publicidade desta capital, disse em seu n.º 229 o seguinte:

«*Revista de Educação e Ensino*.—Recebemos o oitavo numero da interessante publicação com o titulo acima, que como sempre vem recheiada de assumptos que proporcionam uma bôa leitura.

«Agradecemos».

O *Diario de Noticias*, valente e distincto batalhador da imprensa paraense, deu, em seu n.º 226, a seguinte noticia:

«*Revista de Educação e Ensino*.—Recebemos e agradecemos o 8 n.º desta interessante revista. Contem uma apreciação sobre a grammatica portugueza do sr. Vilhena Alves, e artigos sobre ensino obrigatorio, litteratura, instrucção publica e noticiario».

Baixo Amazonas.—Este nosso illustre confrade, publicado na importante cidade de Santarem, e cuja redacção é chefiada pelo nosso distincto e particular amigo dr. Augusto Olympio de Sousa, disse, ao receber os numeros 6.º e 7.º da nossa *Revista*, as seguintes palavras.

«*Revista de Educação e Ensino*.—A bem feita e brilhante *Revista* que sob o titulo acima e direcção do habil professor Octavio Pires, publica-se na capital deste Estado, enviou-nos os seus numeros 6 e 7, correspondentes a Junho e Julho.

No ultimo destes numeros dá-nos a *Revista* a bôa nova de que fazem parte de seu corpo de redacção: dr. Alexandre V. Tavares, e professores Severiano Bezerra d'Albuquerque, D. Maria Guajarina de Lemos, Augusto Pinheiro, D. Sirena Valente, João G. de Campos, D. Maria Valmont, José Pinto, D. Maria José Baena, Basilio Carvalho, Augusto Nelson Ribeiro, Hilario de Sant'Anna e Fabiliano Lobato.

Não podia a *Revista* apresentar-se com mais brilhantes credenciaes.

«Obrigado».

—Por nossa vez mil vezes obrigados pela fineza dos distinctos collegas.

Montenegro.—Conta-se neste pequenino paiz 43 escolas primarias, de 4 classes cada uma, regidas por 65 professores saídos da escola théologico-normal de Cettinie, nas quaes se acham matriculados 3.500 alumnos. São fiscalizadas por um inspector especial. Alem d'isso escolas musulmanas são annexadas ás mesquitas de Antivari, Dulcigno, Podgoritza, Nikchitch e Spuz. Existem tambem em Cettinie, Podgoritza, Nikchitch e Antivari 4 escolas do sexo feminino, igualmente de 4 classes cada uma, com 4 professoras e 189 alumnas. Nas localidades onde so ha uma escola para o sexo masculino, as meninas são nellas admittidas, sem que até hoje tenha esta pratica produzido resultado algum inconveiente.

Ha ainda em Cettinie tres estabelecimentos de instrucção publica de uma ordem mais elevada.

1.º O gymnasio, creado em 1885, segundo os systemas dos gymnasios austriacos, comprehende, 4 classes, que attingirão brevemente a 8. Os res-

pectivos professores são em numero de 8, e dos 80 alumnos matriculados, 30 são internos e mantidos á custa do principado. As crianças entram para o gymnasio na idade de 10 annos.

2.º A escola théologico-normal, fundada em 1870, que não está permanentemente aberta, e unicamente se abre quando ha alumnos que desejam completar a sua educação, afim de seguirem a carreira sacerdotal ou magistral. Os cursos que acertadamente começaram 1895 por uma sessão, duram tres annos; são seguidos por 15 alumnos que ja passaram pelas 4 classes do gymnasio. O pessoal docente compõe-se de seis professores.

3.º O instituto para o sexo feminino, fundado em 1869 pela imperatriz da Russia, mantido sob o seu patrocínio e ás suas expensas. A directora, nomeada pela tzarina, é auxiliada por tres professoras e quatro professores. As alumnas são todas internas, em numero de 50, d'entre as quaes 20 são educadas á custa do principado. O tirocinio é de 8 annos. A mór parte das mulheres dos actuaes funcionarios foram educadas neste instituto; e a educação e as maneiras d'ellas são testemunhos favoraveis á esta instituição. A somma dispendida com a instrucção publica é de cerca de 120.000 francos por anno.

Inglaterra.—O gabinete liberal foi substituido por um governo conservador, que tem á frente lord Salisburuy. O novo presidente do Conselho particular é o duque de Devonshirc, e o novo vice-presidente do Comitê de educação do Conselho particular (ou chefe do deparamento de educação) é o sr. John Gorst. Este ultimo, que representa na Camara das communas a universidade de Cambridge, é um homem assaz distincto, de espirito esclarecido, que pertence á fracção progressista do partido conseraador; foi elle que, na recente discussão do *Factory bill*, apresentou uma emenda elevando a 12 annos a idade em que as crianças podem ser admittidas nas indústrias.

Por occasião d'esta mudança ministerial, a *Schoolmaster* publicou a lista dos homens politicos que têm assumido ás funcções de vice-presidente do Comitê de educação, desde a criação d'este posto, por ordem do Conselho particular, em data de 25 de fevereiro de 1856.

Sabe-se que desde a criação d'este Comitê, nelle servio um secretario permanentemente; e até hoje so tem havido cinco secretarios.

—Ja dissemos, um dos numeros passados d'esta *Revista*, que lord Salisbury, pronunciando um discurso a 21 de março, declarara que o compromisso de 1870, base da *Education Act*, ja tinha feito a sua época e que «o princidio a que o futuro agora pertencia era o das escolas confessionalles, sustentadas por contribuentes». Agora que, por uma volta feliz, lord Sabisbury foi de novo chamado ao poder, todos esperam vel-o trabalhar para entrar na legislação ingleza esta maravilhosa theoria.

* * *

França.—O sr. Deneuve, professor em Cleuille por Ourville (Sena-Inferior) consagrou-se devotadamente ao ceguinho Piednoël, não somente para desenvolver-lhe a intelligencia e a memoria, como tambem para fazel-o alcançar a entrada na Instituição nacional. Elle pagou a maior parte do enxoval da criança.

A ser.^a Martin, direcrora da escola maternal da rua de S. Malo, em Rennes, offereceo-se a ensinar leitura e escripta pelo methodo Braille a um ceguinho de nome Ruffino, nada obstante as 200 alumnas com que se occupa e a sua ignorancia completa do referido methodo, que obrigou-se a aprender por si mesma. Foi uma mestra inteiramente dedicada para esta criança que aliás não era muito dotada da intelligencia.

Factos d'esta ordem registram-se sem commentarios.

—Um concurso especial acaba de ser aberto pela *sociedade nacional de educação de Lyon*, nos termos seguintes:—Observando esta associação que, de um lado, o maior numero das crianças que terminam os seus estudos primarios não continua mais a receber educação moral, nem o ensino geral e professional começado na escola; e, de outro lado, a proporção dos criminosos precoces que tem augmentado notavelmente, não tendo mudado sensivelmente o algarismo dos conscriptos que apenas sabem ler e escrever, e havendo alem d'isso diminuído o numero dos aprendizes que destinam á uma profissão manual;

Põe em concurso a resolução da questão seguinte:

Quaes são os meios praticos melhores:—1.º para continuar-se a educação moral dos moços de 13 a 18 annos que se destinam aos officios manuaes; e 2.º para desenvolver-lhes a instrucção geral e professional.

Estudar principalmente, sob este ponto de vista, os deveres da familia, os dos protectores, e a acção que poderiam exercer as sociedades professionaes, os trabalhos dos patrões e as auctoridades sociaes.

Um premio de 500 francos, destinado á melhor memoria inedita escripta a este respeito, será conferida em sessão publica da Sociedade.

As memorias devem ser enviadas livres de porte, antes de 1.º de julho de 1896, ao sr. Bourdin, secretario geral da Sociedade de educação, rua d'Alsace, n.º 5, Lyon. Devem trazer na frente uma epigraphe que será repetida na dobra oculta onde o auctor escreverá o seu nome e adresse.

* * *

Allemanha.—Formou-se em Berlim um *Comité* para a criação de escolas infantís de *dos-mudos* de 3 á 7 annos de idade.

Estas escolas infantís terão por objecto desenvolver o espirito de observação e preparal-os para receberem com vantagens os beneficios da educação que se ministram nas instrucções ordinarias.

PAIZES BAIXOS

Supressão total das escolas comunaes publicas.—A associação *Eeuc school met deu Bybel* (Escola baseada na biblia) publicou um manifesto assignado por muitos homens de estado, em que pedem a revisão da lei escolar, afim de obterem a supressão das escolas comunaes e a substituição por estabelecimentos livres, subvencionados pelo Estado.

«O mundo marcha...»

RUSSIA

Instrucção gratuita e obrigatoria é hoje assumpto que prende a attenção do governo da Russia. Brevemente se runirá em *S. Petersburgo*, um congresso para decidir esse assumpto, e que

alem de já se achar estudado pelo sr, ministro da instrucção publica, será tambem pelo sr. *Lar-kooski*, que foi mandado a França especialmente para esse fim, e a um outro professor que tambem foi em commissão a Suecia estudar os melhoramentos da instrucção.

No caso do congresso julgar util a instrucção gratuita e obrigatoria, o governo porá logo em execução, como ensaio, em quatro districtos da capital.

AUSTRIA

Escola de serão.—Assim se denomina uma escola de meninos que a muito tempo se estabeleceu nos Alpes, Uggowitz, a 1:300 metros de elevação. A frequencia é de 50 alumnos, que prasenteiros concorrem as aulas, e cujo aproveitamento tem agradado geralmente. Em seu relatorio diz o sr inspector escolar, que o que mais agrada e admira é o grande progresso moral dos alumnos, attestados pelo facto de que a quatro annos, tempo de existencia que tem a escola, nenhum alumno tem incorrido em falta grave que tenha provocado castigos severos ou expulsão.

* * *

Em virtude de um decreto ministerial, tornou-se obrigatorio o ensino da gymnastica nos collegios do Estado.

A partir do anno escolar de 1895 a 1896, a gymnastica será obrigatoria em todas as classes daquelles collegios, na razão de duas horas por semana. Este ensino será organizado por classes de accordo com os principios de Spiess.

As classes de gymnastica seram repartidas, sempre que seja possivel, e funcionarão durante duas horas, das 9 ás 11 da manhã.

Nenhum alumno será dispensado das lições de gymnastica, a não ser que apresente um attestado passado por medico da hygiene publica, prohibindo-o desse oxercicio.

Estados Unidos da America do Norte.—A população dos Estados Unidos da America do Norte é calculada actualmente em 64:000:000 de habitantes.

Em 1892 os alumnos dos estabelecimentos de ensino publico e particular de todas as categorias formaram a enorme cifra de 14:714:933, ou 23% da população total.

As escolas publicas e particulares primarias reuniam 14:198:861 alumnos, correspondendo as primeiras 12:966:321, e as segundas 1:232:540. Os estabelecimentos de instrucção secundaria publicos e particulares eram frequentados por 402:089 alumnos e os superiores por 147:662, incluindo-se neste numero 36.137 alumnos das escolas normaes.

As despezas feitas com a instrucção primaria tem-se duplicado desde 1870, em cujo tempo a Republica gastava com esse ramo de serviço publico 70:000:000 de dollars. No exercicio de 1890 a 1891 a despesa com a instrucção foi de 146:800:000 dollars, assim distribuidos: edificios e mobilia para as escolas 17, 1%, vencimentos dos professores 95, 3% e em outros gastos 17 1%.

Os Estados Unidos é hoje a nação que dá maior desenvolvimento á instrucção primaria, a que conta maior numero de alumnos em suas escolas, e maior somma despense com a educação popular

Tem 364.000 professores; 225.000 casas proprias em que funcçionam as escolas primarias e secundarias.

A despeza com a instrucção regula dois dollars e trinta centésimos por cada habitante.

* * *

As intervenções das senhoras no ensino.—Com bons fundamentos presume-se que o ensino primario nos Estados Unidos, em um futuro proximo, será dirigido exclusivamente por senhoras.

O numero de professoras que se dedicam actualmente ao ensino é muito superior ao dos professores. Em Philadelphia existem actualmente em effectivo exercicio 2.875 professoras e 125 professores. O total das escolas publicas e particulaes é de 390:000; d'estas 225:000 são regidas por senhoras.

Costa-Rica.—A *Gaceta oficial* de 1.º de março ultimo publicou uma lei reorganizando o ensino primario nesta republica. As escolas são

divididas em tres cathogorias, cujo ensino é mais ou menos desenvolvido, segundo a importancia das localidades onde forem estabelecidas. O tirocinio é de 4 annos nas escolas de 3.ª entrancia, de 5 annos nas de 2.ª, e de 7 nas de 1.ª.

Sabe-se que na Costa-Rica a instrucção religiosa não faz parte do programma do ensino publico, é facultativa, enquanto que a instrucção civica forma uma materia de ensino obrigatorio.

* * *

O Presidente desta Republica suprimiu os collegios de ensino secundario estabelecidos nas cidades de Slujuela e Cartago, e restabeleceu o internato de Lice de Costa Rica.

Os estabelecimentos foram mandados fechar por não haver numero sufficiente de professores secundario e ser limitadissimo o de professores primario.

A frequencia limitadissima de alumnos tamconcorrem para isto.

Republica Dominicana.—Em Azua existe uma sociedade protectora da instrucção dos meninos, a qual sustenta a escola *Perseverança*; em S. Pedro de Mocoris ha outra associação que fundou o collegio «*El progresso*»; e em a mesma cidade a sociedade «*Dos de Julio*» outro novo instituto.

Perú.—As escolas municipaes de Lima em numero de 24 contavam em fim de 1894, com 4.657 alumnos matriculados e 2.068 de assistencia media. Destes só se apresentaram aos exames 2.993; obtiveram aprovação distincta 1.065, plena 1.326, simples 463 e reprovados 39.

Scientificamos aos srs. professores e mais leitores que mudamos o escriptorio da nossa Revista para o collegio Minerva, Estrada de S. Braz, n.º 78, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, reclamações etc.

TYPOGRAPHIA DA PAPELARIA AMERICANA

17 Tr. de S. Matheus, 17
PARÁ